

Porque se retirou Herculano para Vale de Lobos?

1. Exilou-se na própria Pátria...

Vamos abrir o capítulo com uma citação muito pertinente:

«Qualquer que seja a opinião que se forme da hégira de Herculano para o refúgio de Azóia e Vale de Lobos, ela interliga-se intimamente com a fadiga do lutador de muitos anos, que se viu sozinho na praça pública, com o seu quê de quixotesco: consciente da sua boa causa, mas sem apoio nem estímulo do meio.

Herculano teve forçosamente de se exilar na sua própria pátria, tal como fizeram, no século XVI, Sá de Miranda e depois dele, muitos outros intelectuais, que foram levados ao suicídio, ou silenciados pelas inquisições de vários matizes.

Nos tempos modernos, Herculano é o exemplo paradigmático do cidadão altivo e interventor que, mesmo na fase final da sua vida, se entrincheirou numa outra barricada estratégica, longe dos grandes centros de decisão, compartilhando o seu destino no convívio com os camponeses, dando-nos uma lição de humildade, de dignidade e de actividade criadora»¹.

¹ Cândido Beirante e Jorge Custódio, *Alexandre Herculano. Um Homem e uma Ideologia na Construção de Portugal. Antologia*, Lisboa, 1979, pp. 16-17.

2. De como e porque comprou a Quinta de Vale de Lobos

Em 1859, Herculano comprou a quinta de Vale de Lobos. A propósito, escreveu Bulhão Pato: «Satisfizera, aos quarenta e nove anos, a grande ambição de toda a sua vida — ter um torrão a que chamasse seu, e aplicar nele a sua ciência e a sua enérgica vontade [...]. Só ao declinar da vida pôde reunir a soma de pouco mais de três contos de réis, para realizar o seu ideal»².

Aí pelos 40 anos, já Herculano confidenciava, ao seu amigo Garrett, a aspiração de, algum dia, ir viver «entre quatro serras, com algumas leiras de terra própria, umas botas grossas e um chapéu de Braga, belo ideal de todas as minhas ambições mundanas».

Assim o pensou e sentiu, e assim o fez.

Houve quem falasse de um Herculano um tanto enfático no seu esplêndido isolamento de génio consagrado.

(Esplêndido, não. Austero, sim).

Com que dinheiro comprara a quinta? Com o dinheiro ganho na sua qualidade de escritor e de bibliotecário³. E, todavia, Herculano era contra a propriedade literária. Na carta em que risposta a Garrett (que advogava a propriedade literária), carta datada de 29-XII-1851, mencionava, como «ideal de todas as suas ambições humanas» (atrás o citamos), ver-se entre quatro serras, com algumas leiras de terras próprias, umas botas grossas e um chapéu de Braga. Oito anos depois, este ideal concretiza-se: Herculano adquiriu a quinta de Vale de Lobos, onde passaria os últimos anos da sua vida. E, aqui, pergunta Luís Francisco Rebelo: «E como pôde realizá-lo?

² Herculano não entrou de supetão em Vale de Lobos. Quando se meteu em Vale de Lobos, já levava consigo a experiência de uma intimidade muito activa com o Calhariz (Arrábida), propriedade da Casa de Palmela, cuja parte rústica fez de arrendamento, de 23-XI-1854 a 31-XII-1863.

³ D. Fernando não foi unhas-de-fome, na remuneração a Herculano, como director das bibliotecas da Ajuda e da das Necessidades. 600 mil réis anuais lhe arbitrou. E com os 800 que lhe eram pagos pela colaboração que publicou no *Panorama*, estava amealhando para adquirir a sua famosa propriedade de Vale de Lobos.

Precisamente com o produto dos seus direitos de autor, acumulados no livreiro Bertrand!»

Que melhor contestação poderia opor-se aos argumentos de quem considerava a propriedade literária «um paradoxo inocente nas regiões da teoria, mas nocivo quando incorporado na lei»? ⁴.

3. A visão romântica de Oliveira Martins e a opinião de Joaquim Veríssimo Serrão

No seu *Portugal Contemporâneo*, 6.^a ed., tomo II, 1925, pp. 302-304, escrevia Oliveira Martins:

«A cova do cemitério da Azoia onde baixou o cadáver de Herculano no verão de 77, é no seu isolamento, o símbolo da insensibilidade com que Portugal o sepultou ... A palavra que o retrata é o Carácter, porque nele a vida moral e intelectual eram uma e única. Dissemos, pois, Carácter no sentido e valor que a palavra teve na antiguidade, e não na vaga acepção moderna ... O tipo de carácter à antiga é o estoico, e este é que propriamente define a fisionomia de Herculano; este é o tipo que passo a passo veio crescendo até dominar os últimos anos, quando as lições ... quando os desenganos do mundo o degredaram para o exílio, não como um mártir, mas como um homem que, protestando sempre, se não converte nem se corrompe.

[...] E quando as feridas, as perseguições, os ataques, os ultrajes são profundos e agudos como os que o expulsaram da política e também das letras — Alexandre Herculano, o estóico, repetindo a frase histórica do Africano, suicida-se. É então que vivamente nasce, pois só então o carácter aparece em toda a sua pureza» ⁵.

⁴ «Herculano, o Teatro e a Propriedade Literária», nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras)*, tomo XIX, Lisboa, 1978.

⁵ Citámos Oliveira Martins, *apud* Joaquim Veríssimo Serrão, *O Significado de Vale de Lobos*, separata de *Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo*, Lisboa, 1977.

Joaquim Veríssimo Serrão não aceita a visão romântica de Oliveira Martins. E para justificar a sua discordância, cita numerosos passos do próprio Herculano.

Seguem-se as confidências de Herculano: Esta, primeira, a Ferreira Lapa:

«Amei de pequeno a vida rural, mas a minha educação e os meus estudos levaram-me por bem diversos caminhos ... A afeição ao campo serve-me de refúgio na tarde da vida, e no meio das contrariedades e desenganos foi para mim o rochedo do naufrago ...»⁶.

Herculano falava do seu propósito inabalável de abandonar (dizia-o em 1858, em carta escrita da Ajuda), dentro de três ou quatro anos, a vida literária; mas abandoná-la, completa e irrevogavelmente.

«Penso nisto há muito tempo, e há bastante que tomei, a tal respeito, uma resolução definitiva. Ao menos quero para mim a velhice, já que não tive mocidade nem a idade do homem. Não pede muito quem pede para os últimos anos de vida a obscuridade e o esquecimento. Nem o país me deve nada, nem eu a ele. Estamos quites. Pude, enfim, adquirir com as minhas economias, um pequeno prédio rústico, longe de Lisboa, igual às minhas ambições, para ir lá assentar o larário dos deuses domésticos. Só para realizar esse intuito trabalho hoje em cousas de letras com actividade, mas sem affecto. Sou o negociante que dirige as últimas transacções, de modo que possa, liquidando, salvar um capital que represente os seus futuros meios de subsistência»⁷.

Isto o dizia, recusando o convite de D. Pedro V, para a cadeira de História, do Curso Superior de Letras.

Em 1859, depois de regressar de uns dias que passou em casa do brigadeiro Pedro Vieira Gorjão (1809-1870), perto da Azóia de Baixo, a uma légua de Santarém, confessava a João Basto:

«Vim de Santarém óptimo tendo passado seis dias excelentes em Azóia. Cada vez me confirmo mais que há gente

⁶ Vale de Lobos, 15-VIII-1876. *Cartas*, 4.^a ed., t. I, p. 207.

⁷ Em Joaquim Veríssimo Serrão, *O Significado de Vale de Lobos*, separata de *Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo*, p. 365.

que nasceu para nunca viver nas cidades. Desejo que se desse cá tão bem como eu por lá; mas duvido»⁸.

Em carta de 1860, quando já era dono de Vale de Lobos, mas ainda residia na Ajuda (tinha então 50 anos), justifica que os motivos de saúde eram fundamentais para se afastar de Arquivos poeirentos, que lhe minavam os pulmões: «Estive muito doente e tenho tido uma convalescença, que me inibe de dedicar-me a trabalhos sérios... Comprei há tempos um quintalório nas proximidades de Santarém... Vou estando velho»⁹.

A frequência da Torre do Tombo trouxe-lhe hemoptises. Assim o confessava, em resposta a João Basto, que, com ele, se perdera e achara, tantas vezes, a respirar o pó da Torre do Tombo. Como João Basto lhe comunicara que fora para Faro, à procura de melhoras, Herculano sugeria-lhe que moderasse o trabalho, que se alimentasse bem, e passeasse beneficiando do clima algarvio, e que atirasse com a pontualidade às ortigas: «o zelo da pontualidade, verdadeiro escândalo num país onde universalmente somos pontuais numa coisa, em não ser pontuais em nada».

Se o leitor quer mais confidências de Herculano, no respeitante aos motivos que o levam para Vale de Lobos, leia o estudo de Veríssimo Serrão, já aqui tantas vezes citado.

4. Vale de Lobos, paraíso para Herculano

Vale de Lobos constituiu o paraíso, para Herculano. Aí retemperou, em parte, uma saúde que, até à entrada na sua vida de lavrador, fora precária; e aí viveu em profundidade para si, e em generosidade para quantos aí o rodeavam. Todos o consultavam, *de rebus pluribus*, e para todos ele tinha a resposta adequada. «Não se limitou a ensinar as

⁸ Carta a João Pedro Basto. Em Joaquim Veríssimo Serrão, *O Significado de Vale de Lobos*, separata de *Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo*, p. 364.

⁹ *Ibid.*, p. 367.

oliveiras a dar azeitona», ensinou quantos homens lhe solicitavam conselho, não apenas em temas rurais, mas, outrossim, em matéria jurídica, literária, histórica. No recolhimento da sua casa, ou *sub tegmine fagi* (possuía três faias, às quais queria como às meninas dos seus olhos), estava sempre às ordens daqueles que precisavam de orientação segura¹⁰.

Sentado no seu famoso cesto vindima, a cabeça coberta com o seu chapéu de abas largas, Herculano via longe, via fundo, e em altura. E nunca alardeou presunção de sabichão. Sobrava-lhe auto-ironia para a si próprio dizer: «Não presumas de umbigo do mundo». Nunca sofreu de narcisismo e muito menos de narcisite aguda!

5. Herculano e a solidão

No Mosteiro de St. Wandrille, de quase catorze séculos de existência, e catorze hectares de superfície (que chegou a albergar quatrocentos frades), e que foi adquirido por Maurício Maeterlinck, lê-se numa das duas vetustas paredes, gravada a canivete, a famosa legenda:

O beata solitudo!
O sola beatitudo!
(Oh! Feliz solidão!
Ês a única felicidade!)

Vale de Lobos constituiu, para Herculano, essa *beata solitudo!* e *sola beatitudo!*

Na Idade Média, talvez Herculano procurasse a solidão conventual. Vale de Lobos, no séc. XIX, foi o seu convento.

Dizia Nietzsche que a solidão amolece, a solidão apodrece.

Não foi o caso de Herculano. A solidão não lhe amoleceu o carácter, não lhe apodreceu a alma.

Antes o vertebrou e lhe trouxe mais saúde, por fora e por dentro.

¹⁰ Disse Anselmo de Andrade: «Ia-se a Vale de Lobos, como antigamente a Delfos, ouvir as palavras do oráculo. A mocidade adorava-o» (*Alguns Homens Ilustres de Portugal*, Lisboa, 1929, p. 26).

6. Paixão da vida rural

Herculano teve a paixão da vida rural. A paisagem telúrica era para ele, ao contemplá-la, um dos seus mais profundos prazeres. O culto da terra não foi, em Herculano, uma simples metáfora. Via as sementes como promessas de júbilo para os olhos. Sonhava com os mistérios da germinação. Delirava com a festa da frutificação. Suas mãos praticavam um acto religioso, deitando à terra os grãos de trigo. Tinham grandeza podando uma árvore de fruto. Esbagoando um cacho de uvas era como se colhessem pérolas para o mais belo dos colares. Colhendo azeitona, sonhava com ouro líquido. As oliveiras, na sua austeridade, na sua apagada modéstia, constituíram a simbólica imagem da sua psicologia de homem que, por onde quer que passou, deixou um rasto de fruto discreto por fora, mas de luz por dentro.

Numa terra de cábulas, rábulas, cabotinos e troca-tintas como era o Calcanhar do Mundo em que viveu, sentiu, por vezes, vontade de morrer: «Isto dá vontade de morrer!» Mas a vida, tal qual ele a viveu — sem medo e sem mancha — é para nós um alto polarizador da existência.

A sua biografia merece as honras de *vade mecum*, de breviário, para meditada leitura de todos os dias. Na nossa Finisterra de invertebrados, a verticalidade de Herculano constitui a melhor terapêutica para ganharmos aprumo.

7. Nega-se a fazer uma viagem pela Europa

Só em Vale de Lobos Herculano se sentia bem¹¹.

Em carta a João Anastácio Simões, confidenciava ele, depois de se negar a fazer uma viagem por essa Europa fora:

«... Em suma, o canto obscuro da aldeia é hoje o meu único destino nacional, e felizmente a minha única ambição.

¹¹ Herculano gostava de se chamar a si próprio «barrão de Santarém». Voltaire escrevia, em carta de 26 de Setembro de 1764, a La Chalotais, referindo-se a alguém que trocava a charrua pela corte: *J'ai en le bonheur de quitter les rois pour la charrue*.

Essa felicidade a gozou também Herculano.

As minhas três grandes faias dão-me mais prazer ao vê-las que todos os museus, monumentos, praças, teatros, bibliotecas da Europa. Que iria eu lá ver, se não achava lá as minhas três faias? Estou assim: que lhe hei-de eu fazer?

Se fôssemos a Madrid, e indo por Paris, parecia mal não me apresentar na Academia de História de Madrid e no Instituto de França em Paris: depois eram as visitas dos consócios, e aos consócios: falar de letras, de livros, etc., das coisas que mais me secam. Eram a gravata branca, as luvas, as etiquetas, a casaca, as frases estudadas, que, há-de confessar, equivale a um trato de polé, comparado com uma discussão em jaqueta e sem lenço no pescoço, com o Antunes, acerca de uns enxertos, ou da largura de uma regadeira»¹².

Herculano poderia dizer, tal como o pássaro: muitos sítios eu teria onde pousar; mas ninhos onde repousar, só um. Esse é a minha casa de Vale de Lobos. Só ela me dá o quentinho de que preciso, tal como só as minhas três faias me dão a frescura e sombra que não dispenso.

Não lhe falassem em viagens, o que era falar-lhe do impossível, «não só pelo lado moral, pela repugnância invencível ao ruído do mundo e por uma espécie de mania pela solidão rural». Assim o escrevia em carta de 4 de Julho de 69, ao seu amigo Joaquim Filipe de Soure, datada de Vale de Lobos.

Herculano escreveu cartas a meio-mundo, mas sempre por motivos do seu mundo de lavrador, ou impelido pelo seu *munus* de escritor. Modesto como era, nunca estampilhou cartas com direcção à Eternidade.

Depois de se recolher a Vale de Lobos, Herculano cortou relações com as andanças pelas Franças e Araganças. Morreu nele o *homo viator*, em favor do homem sedentário, ou dos curtos passeios, pensativos, olhos pregados numa paisagem que ele próprio ia criando, numa renovação de todos os dias. Criado, com a sua inteligência, Vale de Lobos não foi, para ele, e apenas, puro bucolismo, cantoria de rouxinóis, luar

¹² *Dicionário Bibliográfico*, de Inocêncio, p. 270.

peneirado dos céus, orgias de sol nascente, melancolias de sol poente. Foi fruto cuja polpa ele ajudou a inchar, com um amor, tocado, ao mesmo tempo, de realismo e de romantismo.

Podia Herculano ter escrito umas novas *Geórgicas*, sem precisar de tomar Virgílio como paradigma. Sobravam-lhe experiência e sensibilidade para as escrever.

8. «Nem o demónio me faz sair daqui...»

Em 18 de Maio de 77 ainda em carta ao seu amigo Joaquim Filipe Soure, dizia-lhe: «Estou um perfeito velho: nem o demónio me faz sair de Vale de Lobos. Tenho vontade de ir a duas terras: ao Porto e a Évora; mas falece-me o ânimo. Uma ou duas vezes que, no ano, vou a Lisboa, levo o coração apertado».

Herculano encontrara em Vale de Lobos a tranquilidade que o corpo e a alma lhe pediam. A vida, à *sombra da faia*, era o seu mais inefável dos prazeres. A vida contemplativa-activa de lavrador, eis o que lhe pedia a natural vocação. Tudo mais lhe ficava curto nas mangas, lhe parecia artifício, postiza compostura.

Em Vale de Lobos, diz Andrée Crabbé Rocha, «é gostosamente que fala de safras ou de pessoal, consulta e aconselha a respeito de bezerros, sementes, técnicas de fabrico do azeite e da manteiga, encomenda, com minuciosa precisão, alfaias agrícolas, convida um amigo para o regalo dum bom gedeão matutino».

Ali se sentia como peixe na água. Estava em sua casa e na sua terra. Dir-se-ia que nascera com o telurismo no sangue.

9. Correspondência

Herculano deixou numerosas cartas, nunca, porém, as escreveu no jeito e no gosto da Sévigné. Repetidas vezes, fala de ter sido sempre «avesso à literatura epistolar». Todas as suas cartas corresponderam a prementes e inadiáveis

motivos de comunicação, e quase todos respeitantes à sua vida de lavrador. E ouvi-lo:

«Os milhos estão sofríveis. Semeei 19 alqueires e conto ter com certeza acima de 5 moios. Ao menos não terei de o comprar para comedias de criados. O azeite prometeu meia colheita na flor: duvido que dê para o gasto da casa. Uva é que há muita e boa, mas eu tenho pouca vinha. Feijão, grão de bico, batatas deram bem. Mas estas coisas não passam de fartura para casa. O que é verdade é que por aqui, em faltando o azeite, o negócio é fraco»¹³.

Para a esposa, Herculano era uma simpatia, na correspondência que com ela trocava: «Cá te vou plantando a horta. Quando vieres, se te não demorares muito, acharás excelente feijão verde: daqui a 5 ou 6 dias já se pode apanhar algum: temos já bastantes nabiças, e não tardarão os nabos».

E noutro passo:

«Tenho estado sem pedreiro, porque foi trabalhar no lagar do Gorjão, que só se lembra de Santa Bárbara quando fazem trovões, de modo que não sei se podem tirar-te diante da janela aqueles paredões velhos, antes de tu vires. Não será por falta de boa vontade».

Fez vida de autêntico lavrador¹⁴. Na sua correspondência, são assíduas as referências ao azeite, ao vinho, à manteiga, aos queijos, a toda a espécie de árvores da sua quinta — as oliveiras na linha da frente —, aos anos de boa e medíocres colheitas, às despesas feitas, às receitas obtidas, às obras em curso, às projectadas, e por estes domingos, o leitor entrevê os dias santos. Lavrador, como se os dentes lhe tivessem nascido na lavoura. Era como se (vamos brincar com as palavras ...) — já no ventre materno, sonhasse com lagares e pomares¹⁵.

¹³ Em carta de 13-VIII-1869, a Joaquim Filipe Soure.

¹⁴ Herculano, num jeito de auto-ironia, a si mesmo se apelidava «de lavrador da parvalheira de Vale de Lobos». «Possuo Vale de Lobos há 8 anos: é este o primeiro em que, ao cerrar a conta do ano, vejo que, em vez de me dar, me tira» (Em carta de 30-XII-1867, ao seu amigo Joaquim Filipe Soure).

¹⁵ Em Vale de Lobos, só cuidava da sua lavoura. Em carta a um seu amigo confessava: «Eu passo excelentemente para o meu costume:

10. Fialho e Herculano

Fialho de Almeida, que condenou Herculano por ter deixado a vida literária, e ter-se remetido a lavrador, não fez em Cuba o que Herculano fez em Vale de Lobos. Em carta, de Março de 1895, assim escrevia a Manuel da Silva Gaio:

«... Vejo que estás são e forte novamente, porque fazes projectos de trabalho e encaras a vida com coragem. É o que eu invejo, os que ainda julgam da utilidade de qualquer esforço, num meio hostil às obras da inteligência. Eu apodreço em Cuba, e para sempre já agora, e como nada me sugere nada, fechei os livros, e deixo-me acabar de azedar para embirraça do meu semelhante».

E, afinal, melhor fora que Fialho se fizesse lavrador, em Cuba, do que estar para ali a aprodrecer!

O ideal do D. Manuel Santa Iria era uma grande quinta — com porta para o Chiado.

O ideal de Herculano era precisamente o contrário: um Chiado que, em vez de uma porta, para a quinta, tivesse um portão. Foi sempre essa a sua ambição. O ter conseguido realizá-la constituiu o maior prazer que ele gozou neste mundo. E, se lá no outro mundo, há quintas, com faias, estamos certos de que Herculano lá estará, a esta hora (estamos escrevendo ao meio-dia), gozando o fresco, *sub tegmine fagi*...

Herculano gozou do prazer de escrever, nas belas e frescas manhãs, à sombra das suas faias, à sombra das folhas brincando sobre o papel em que ele iria pondo o preto no branco. Foi esse, decerto, um dos seus maiores prazeres.

não me afligem as coisas públicas, porque não leio nenhum periódico, e só há uma ideia que me incomoda: é a de ter de voltar para Lisboa antes do fim do mês» (Cartas inéditas a Joaquim Filipe de Soure, publicadas e comentadas por Luís Silveira, Lisboa, 1946, p. 103. Carta de 16-VI-1864).

11. Ramalho condena a retirada de Herculano para Vale de Lobos

Nem todos os portugueses aceitaram bem que Herculano tivesse retirado para Vale de Lobos, quando (diziam) a sua presença era mais necessária do que nunca, no seu posto de combativo. Ramalho Ortigão, por exemplo, afirmou, nas *Farpas*, que o grande escritor morrera, ao retirar-se para o seu voluntário exílio. Em boa verdade, insinuava, que Herculano, falecido em 1877, falecia pleonasticamente, porque, como grande escritor, já tinha falecido, no dia e hora em que escolheu o exílio de Vale de Lobos¹⁶.

Herculano teve os mais infáveis prazeres, na medida em que se refugiou em si próprio, dialogando com os seus pensamentos.

Foi um contemplativo. Um jurado inimigo da balbúrdia de palavras. As ideias ganhavam, nele, densidade, na medida em que se ensimesmou em orgias de silêncio.

Muito daquilo que os livros lhe não ensinavam, e outro tanto do que de nenhuma boca ouviu, as árvores lho ensinaram. Não lhe faltou agudeza poética para entrar no âmago da Natureza. Desta recebeu a mais infável das lições. Poderia ele fazer suas as palavras de Byron: *I live not in myself, but I become / Position of that around me; and to me / High mountains are a feeling, but the hume / of human cities, torture*¹⁷.

O que, passado a vernáculo, dá isto:

«Não vivo em mi mesmo, mas antes numa parte daquilo que me rodeia. Para mim as altas montanhas têm a sua sensibilidade. Pelo contrário, a barulheira das cidades humanas, constituiu, para mim, uma tortura».

¹⁶ A propósito da ida de Herculano para Vale de Lobos escreveu a Jaime Magalhães Lima: «... Foi para Vale de Lobos, não para morrer e sepultar-se ainda quente de palpitações do seu sangue, mas para viver inteiramente a sua vida; não para deliberada cessação de actividade, mas para a sua mais perfeita expansão e mais lídima e bela aplicação. Apenas eliminava relações e coisas que o atormentavam, estorvando-o» (*Alexandre Herculano*, Coimbra, 1910, p. 10).

¹⁷ *Child Harold*, canto 3, est. 72.

12. Herculano e Sá de Miranda

Herculano, afastando-se da cidade, estava seguindo as pisadas de Sá de Miranda.

A Corte, que Sá de Miranda trocava pela serenidade do campo, era uma Corte que perdera o juízo, entontecida pelos fumos da Índia¹⁸.

D. João III — aquele de quem Herculano disse o pior do pior — mantinha uma Corte de mais de 2.500 homens. Que fazia toda esta gente? Não seria gente a mais para um rei tão pequeno? Faziam, muitos deles, uma vaga companhia ao Piedoso, amavam mais ou menos clandestinamente, contavam aventuras próprias (um tanto na clave da fanfarronice — como é jeito do portuguesinho valente) e contavam-se, mutuamente, anedotas, umas de clara intenção social, outras brejeiras, ou escatológicas. Sobretudo, essa gente governava-se à tripa forra, que o trabalho, sempre, nós (portugueses), o consideramos um tanto proibido, fazendo, da filosofia do José da Ana, tema e ... teima: quinze dias de descanso por semana! Quinze pelo menos ...¹⁹.

¹⁸ As cortes são, por via de regra, uma assembleia de mendigos, ilustres por fora, lómbregos por dentro. Sá de Miranda e Herculano estavam no segredo...

Herculano, tal como Sá de Miranda, não teve vocação para áulico. A distinção postiça, a elegância para inglês ver, o vestuário vistoso, não entraram no número das suas preocupações.

¹⁹ A corte, desde longa data, era couro de ociosos. Fora da corte, os que trabalhavam, tinham fraca paga. Que o diga personagem vicentina:

*Que o medrar,
Se estivera em trabalhar,
ou valera o merecer
eu tivera que comer
e que dar e que deixar.*

O triunfo, na corte, estava no *dolce farniente*. Ainda Gil Vicente:

*Medraria este rapaz
na corte mais que ninguém,
porque lá não fazem bem
senão a quem menos faz.*

Lazer era, para esses pintalegres, tema e... teima. Nunca lhes passou pela cabeça, que, nada produzindo, outros teriam que os sustentar. O certo, porém, é que o parasitismo nunca lhes tirou o sono. O hábito é uma segunda natureza, e tão calhados eles estavam na lazaronice, que, levantar uma palha do chão, seria, para eles, o mesmo que alombar com tijolos para o último piso da Torre de Babel...

Se lhes disserem que um perpétuo feriado é uma definição de inferno, a resposta desses sujeitos seria a de que prefeririam, viver sempre no inferno do nada fazer, a terem de gozar, à força, o paraíso do trabalho. O cinismo desses figurões era maior do que permitia a força humana... Trabalhar para viver? Trabalhem os outros, que, para viver, cá estamos nós! (Viver, não. Pseudoviver, sim). Viver — o que se chama viver — tem que equacionar com trabalho criador. O que não for isso é vegetar. Deixemos o vegetar às plantas e aos bichos. O verdadeiro homem não quer simplesmente existir — tem, no seu programa, super-existir. E a nota da super-existência a dá o trabalho com vistas a uma beleza cada vez mais bela, a uma verdade cada vez mais verdadeira, a uma personalidade cada vez mais vertebrada. Trabalho alternado com horas de ócio? De certo. Mas que o ócio seja *cum dignitate*. Destinado a actividades que lhe melhorem o corpo e lhe enriqueçam o espírito — e nessa conta devemos incluir as actividades lúdicas, o desporto pelo desporto, quer a nível somático, quer a nível intelectual. Ocupar inteligentemente as horas livres constitui um requinte de alta civilização. Que do ócio nunca a personalidade saia diminuída. Esta sempre como alfa e ómega. Que o ócio seja, sempre, um pretexto para refontalização da vida. Ócio joga com liberdade. Sim. Mas que essa liberdade seja sempre bem ortografada: com *e* (liberdade) e não com *a* (libardade).

Mas curavam, acaso, os cortesãos portugueses, destas filosofias? Com a sua madracice estavam criando horas de crepúsculo. A noite — a negra noite — da nossa decadência aproximava-se a passos largos. (E a aurora ainda não rompeu — como tanto seria para desejar).

Mas afinal, que faziam os cortesãos, nas suas horas vazias? Contavam-se, mutuamente, anedotas. Era isso um modo de fazer jornalismo, na base do «diz-se», do «conta-se»,

do «consta», do «corre por aí», do boato. Sim, porque, para boateiros, sempre os portugueses tiveram um jeitinho especial.

Para a personagem shakespeareana, *ser ou não ser* é que era o problema. E, para o português desocupado, o problema era *to chiste or not to chiste* ... Quem não tem que fazer, conta «estórias». É preciso enganar o *taedium vitae*. E para lhe torcer o pescoço, não há como a terapêutica do chiste.

Enojado dessa corte, retirou-se Sá de Miranda para a Quinta da Tapada. E ninguém lho censurou, que nós saibamos. Era coerente com as suas exigências de carácter. Foi o que fez Herculano, da estirpe mirandina, retirando-se para Vale de Lobos.

13. Ainda Sá de Miranda

Afastando-se da Corte, Sá de Miranda fazia-o em boa parte, por ali não encontrar o seu tipo de homem, a vertebralidade personificada. Nos seus tão citados, recitados e, até ... trescitados versos, ele quem o disse:

*Homem d'um só parecer,
D'um só rosto d'ua fe,
D'antes quebrar que torcer,
Outra cousa pode ser,
Mas de côrte homem não é.*

Também Erasmo perguntava: onde encontrar, na Corte, um homem que não estivesse minado pela corrupção? Coisa mais rara que as esmeraldas azuis, cortesão que não projectasse, no chão da vida, a sombra da vara torta.

Sá de Miranda voltava costas à sociedade enriquecida, aperaltada, presunçosa, daqueles que, no Oriente, praticavam o *enrichissez-vous*, àqueles que, regressados a Portugal praticavam a escandalosa exploração do homem pelo homem. São de então os senhores que «abandonando as terras, passam a disfrutar na ociosidade, o trabalho do camponês: as ricas peles em que se aconchegam e luzem são as peles dos lavradores explorados», como escreveu António José Saraiva.

Pessoa, esse, afirmou:

*Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.*

Como infinita foi a nossa *auri fames*, dando o salto ao Oriente.

Abandonando a Corte, Sá de Miranda, tal como Herculano, satisfazia a sua natural propensão para a independência. Noutro clima que não fosse o da liberdade sentir-se-ia asfixiar. A Corte exigia lisonja, adulação e partes adjacentes. E ele nascera vacinado contra a obliquidade. Não lhe estava a carácter a curvatura de espinha.

Em todo o caso, houve sua diferença entre o retiro de Sá de Miranda e o de Herculano: é que (como escreveu Hernâni Cidade), se o quinhentista se distraía caçando, fazendo música e poesia, merendando nos solares amigos, o burguês do século XIX fabricava azeite segundo a melhor técnica e procurava vendê-lo pela tabela mais lucrativa...²⁰.

Despedindo-se da Corte, estaria Sá de Miranda pensando tal como o Vilão do *Auto da Festa*, de Gil Vicente. Na Corte,

*A justiça não parece
a verdade he desterrada.
(...)
os que são mexeriqueiros
mentirosos lisonjeiros
esses vencem a batalha.*

²⁰ Hernâni Cidade, *Século XIX, A Revolução Cultural em Portugal e Alguns dos seus Mestres*, Lisboa, 1985, p. 35.

Da *Lanterna Mágica*, n.º 7, de 26-V-1875, extraímos o seguinte passo

«O sr. Herculano fez do azeite uma religião; ele é a sua flor d'alma, a sua última crença, o seu último refúgio».

Camilo marcou a retirada de Herculano, para Vale de Lobos, com esta ironia: «Herculano ganhava amor ao dinheiro com que se erguem socos e se benfeitorizam os pingues mananciais do óleo — que não digo 'azeite' para sustentar estilo bem penteado» (citado em Joaquim Veríssimo Serrão, *O Significado de Vale de Lobos*, separata de *Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo*, Lisboa, 1977, p. 359).

E possivelmente, Herculano, em relação ao mundo oficial do seu tempo, também não andaria longe do comentário do Vilão vicentino. A história estava-se repetindo ...

Herculano fugia da cidade para o campo, como quem foge de um meio em que o impudor, tartuficamente, finge austeridade. Todo o tartufismo lhe provocava os mais incoercentes vômitos morais.

14. Miguel Torga e Sá de Miranda

A propósito do retiro de Sá de Miranda para a Quinta da Tapada, vem aqui mesmo ao pintar uma página irónica de Torga. É do seu *Diário*, datada de Caldelas, 7 de Setembro de 1946. E reza assim:

«Peregrinação em honra do colega Sá de Miranda, para que não diga, lá da eternidade, que sou mau camarada.

Quinta da Tapada, casa do Crasto, capela de Carrazedo. Que bicho de sorte! Pegou na pena e escopeta, fortificou-se entre Cávado e Homem, e mandou enxerir Lisboa.

*Homem d'um só parecer
D'um só rosto e d'ũa só fé
D'antes quebrar que torcer,
Outra coisa pode ser,
Mas de corte homem não é ...*

Pudera! Com dinheiro para comprar um solar maravilhoso, depois de ter casado com uma castelã e de ter recebido do senhor D. João III a comenda rendosa das Duas Igrejas, pode-se cantar de galo, e atirar pedras à degradação paçã.

Seja, porém, como for, é bonito ver que já houve poetas que puderam passar a vida a rimar élogos e sonetos na sua quinta, diante de um belo cenário, a ouvir cantar as fontes e a ver crescer os pâmpanos. E é bonito, sobretudo, saber que já houve gente capaz de entender isso e de gravar na sepultura dele uma sentida inscrição, onde se diz que ali se perpétua a pura glória de quem quis *somente pelear com a pena da poesia*».

Torga dixit.

Também ele gostaria, provavelmente, de viver vida igual, ou parecida. E vamos lá que, para além da sua medicina, tem feito gosto ao dedo, no gatilho e na caneta.

Parece que daria tudo por largar a medicina ... Não somos nós que o dizemos, mas ele:

«Regresso ao consultório. Ainda ontem andava à solta pelas fragas [*porventura de dedo no gatilho ...*] e já hoje passei o dia amarrado a este tronco, a cheirar ozenas. O que isto representa na vida de artista, só eu é que o sei. Estere-lizo-me em água fervida. Não tenho inspiração, nem vontade de criar. Nasci para falcão da serra, e não para codorniz de baixo. Nos lavados ares do monte, tudo me excita, e os versos nascem às catadupas. Aqui tiro-os a fórceps como fetos monstruosos que não querem viver.

— Que grandes férias V. fez! — dizem todos os amigos, com ar repreensivo.

E ninguém compreende que as férias passo-as eu aqui [em Coimbra] o ano todo à espera de dois meses de trabalho fecundo. Porque eu sou artista, não sou médico. Operar como eu opero, observar como eu observo e receitar como eu receito, qualquer meu colega honesto e com alguma habilidade o pode fazer. Mas escrever os versos que eu escrevo, bons ou maus, é que só eu. Contudo, não respondo às diatribes. Que hei-de eu dizer a quem nunca entendeu nada de mim?

Afinal de contas, quem eles respeitam um pouco é o clínico que de vez em quando os assoa ou lhes compõe o fígado. O poeta nunca, fundamentalmente, os interessou, ou porque não gostam do que escrevo, ou porque em Portugal nunca um artista teve qualquer categoria. Até ao dia de hoje não encontrei uma alma caridosa que me dissesse:

— Homem, deixe a porcaria da profissão e seja escritor!

Nem um só de tantos indivíduos que conheci, que estimei, me empurrou para o meu caminho verdadeiro.

— Tenha paciência, em Portugal nunca ninguém viveu da pena ...

E aqui estou, mais uma vez, a servi-los, ou a servir aquilo que eles julgam ser o meu destino»²¹.

²¹ *Diário*, IV, 3.^a ed., Coimbra, 1973, pp. 63-64.

Se Torga tem ido para um Vale de Lobos, teríamos versos candidatos ao prémio Nobel, mas péssimo azeite... Herculano, esse fez o mais gostoso dos azeites, o que não fez foi versos, que não lhe dariam para casa, cama, mesa e roupa lavada.

Ele, Herculano, sabia que, em Portugal, fazer versos em vez de azeite, era tirar bilhete de ida e volta para a miséria.

15. Cesário Verde e a fobia de Lisboa

Em Portugal, Herculano não constituiu caso único de apologia do campo, em desfavor da cidade. Cesário Verde²², Júlio Dinis, Camilo, Eça, Nobre, Raúl Brandão também sofreram como que da nostalgia da árvore, pouco lhes faltando para dizerem que quanto mais conheciam a gente da cidade, mais gostavam dos campónios, preferindo, sem reversibilidade possível, às florestas de cimento, as florestas tais como Deus as plantou.

A fobia da cidade Cesário a expressou em palavras carregadas de pejorativo sentido: «*Muram-me* as construções rectas, iguais, crescidas». — «*Afrontam-me* as grandes subidas». — «*Nauseiam-me* os ventres das tabernas». — *Enlutam-me* as ruas elegantes».

Cesário abominava o Chiado. Ali passava ele, certa vez, quando um poetastro lhe gritou, da porta da Havaneza: — *Adeus, ó Cesário azul!*

E logo o troco:

— *Adeus, ó troca-tintas.*

Sobravam, em Lisboa, os troca-tintas...

(Quando Herculano dizia: «Isto dá vontade de morrer» estaria como que antecipando Oliveira Martins, D. Carlos e

²² Cesário tinha propriedades em Linda-a-Pastora e Caxias, cuidando, sobretudo, da vinha:

*Hoje sei quanto custam a criar
As cepas, desde que eu as podo e empo.
Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar.*

Eça, que eram unânimes no seu juízo pejorativo, relativo a Portugal: «*Portugal é uma choldra*»? Não. Tal como Eça, o que ele detestava era Lisboa. Estas as palavras de Eça: «O horror a Portugal é Lisboa; apenas se sai dela, a vida é doce — logo que a ela se volta, de novo se cai dentro do reles, do sujo, do estúpido ...».

Essas poderiam ser também as palavras de Herculano, subentendidas no «isto dá vontade de morrer»).

16. Recolhendo a Vale de Lobos

Recolhendo a Vale de Lobos, Herculano era como se estivesse obedecendo à recomendação de S. Bernardo, aos estudantes de Paris: «Fugi do meio da Babilónia [...]. Encontrareis muito mais nas florestas do que nos livros. Os bosques e as palavras vos ensinarão mais do que qualquer mestre».

Herculano queria a Vale de Lobos tal como o pai quer ao filho, quando é pequenino: trazendo-o ao colo. Nele se mirava e remirava.

Voltaire dizia: a vida está eriçada de espinhos, e, para os contrabalançar, o remédio é cultivarmos o nosso jardim.

Herculano abundava nesta filosofia. *Les beaux esprits se rencontrent* ...

Não teria Herculano relutância em subscrever os seguintes versos da Elegia VI, de Camões:

*Oh! lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!*

*Dá-lhes a justa terra mantimento;
dá-lhes a fonte clara da água pura;
mungem suas ovelhas cento a cento.*

*Não vêem o mar irado, a noite escura,
por ir buscar a pedra do Oriente;
não temem o fulgor da guerra dura.*

*Vive um com suas árvores contente,
sem lhe quebrar o sono repousado
a grã cobiça do ouro reluzente ...*

*Enfim, por estas partes caminhou
a sã justiça para o Céu sereno.*

Herculano foi sempre um homem decidido. Nunca ele poderia subscrever estes versos de certo poeta decadentista:

*Ayez pitié de mon absence
Au seuil de mes intentions:
Mon âme est pâle d'impuissances
Et de blanches intentions.*

Não lhe chamem desertor. Esteve sempre na brecha. Ao retirar-se para Vale de Lobos, era ainda num propósito de luta. Não se diga que ensinar as oliveiras a dar azeitona era magistério menos nobilitante que o de ensinar os homens, pela actividade literária.

17. A «aurea mediocritas» rural

A todos os valores preferia Herculano a *aurea mediocritas rural*. Só nesse clima material e moral se sentiu plenamente realizado. Aos embeaçados pela Corte, poderia ele dizer, à maneira de Sá de Miranda, na *Carta a António Pereira, Senhor de Basto, quando se partiu para a corte co'a casa toda*:

*Oh! vida dos lavradores!
Se eles conhecessem bem
as vantagens que tem,
co'aqueles santos suores
que a si e o mundo mantém ...*

Herculano retirou-se para Vale de Lobos, não apenas por terapêutica de alma, mas também porque a saúde do corpo era nele precária. «Precisava da luz de Deus, do ar

de Deus, da voz de Deus, que não são exactamente nem as faíscas do esplendor do sol que à beira do telhado despenha desdenhosamente para uma nesga de rua, nem os gases olorosos evoluídos da caçoula de sulfídrico sobre cuja tampa se reclina voluptuosamente a rainha do Tejo, nem o gargan-tear dos vendilhões ambulantes, nem as discussões dos bote-quins e dos parlamentos, nem as missões dos energúmenos da reacção, nem a pia infernal dos sinos, nem outro algum desses mil ruídos que se alevantam confusos, discordes, espesos, da cratera fervente de uma capital. O pobre do campo viu-se azul para me sarar daqueles como herpes interiores que me roíam o moral e o físico. Resisti por muito tempo aos murmúrios da fonte e do regato, ao ciclo sonolento da aragem no arvoredor, à cantilena matutina das aves, às fragân-cias e aromas dos matos, ao fresco sorrir da alvorada, às saudades do sol posto, às mil distrações e cuidados da vida rural. Mas a perseverança imperturbável do médico venceu por fim a pertinácia da doença»²³.

Fugiu «para o campo», baixando os olhos para a terra, quando os poetas mais os alevantavam para o céu.

18. Quem muito se isola...

Quem muito se isola — disse-o já o velho Aristóteles — ou é um deus, ou um bicho.

Herculano não se isolou inteiramente. Portanto, não foi nem deus, nem bicho. Conviveu largamente com os seus vizinhos de Vale de Lobos. Não lhe chamemos pois, lobo do vale. Foi apenas um homem enfadado do convívio com cábu-las, rábulas, cabotinos, troca-tintas e burocratas²⁴.

²³ Carta de Vale de Lobos, Março de 1878. *Apud* Joaquim Verís-simo Serrão, *O Significado de Vale de Lobos*, separata de *Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo*, Lisboa, 1977, pp. 366-367.

²⁴ Herculano era um declarado inimigo das burocracias. Queria trabalho autêntico — o de quem produz e não a fictícia actividade dos mangas de alpaca. Ele o dizia na sua *Carta aos Eleitores de Sintra*: «É preciso que o país da realidade, o país dos casais, das aldeias, das

O relativo isolamento, a que recorreu, representou uma atitude de terapêutica espiritual. Não suportava o mau hálito moral de uns quantos com quem, por vezes, foi obrigado a conviver, e daí fugir para o seu retiro da Azóia. E aí dizer, em colóquios íntimos: quanto mais conheço certos homens, mais gosto das minhas três faias.

Se algum abelhudo lhe dissesse: você *ofende-nos* com a sua solidão, ele poderia responder: não — eu não os *ofendo*, eu *defendo-me*.

19. Herculano e Garrett

Herculano, na aldeia de Azóia, que ele adoptou como terra em que nascesse (diz Teixeira de Queiroz) era o tipo do *bom vizinho*, igual para todos, inimigo de questões²⁵. Envolto no seu gabinardo surrado, ia pelas azinhagas e veredas a respirar o ar balsâmico dos campos e à procura de opiniões de pequenos lavradores, jornaleiros e homens de singelo acerca do ano agrícola. A vida modesta que aí passava toca-nos o coração, pelo contraste com a grandeza da sua vida moral. Temos diante dos olhos uma sua carta, escrita do encerro de Vale de Lobos, à esposa que estava acidental-

vilas, das cidades, das provinciais, acabe com o país nominal, inventado nas secretarias, nos quartéis, nos clubes, nos jornais e constituído pelas diversas camadas do funcionalismo, que é, e do funcionalismo que quer e que há-de ser».

Sobram-nos mangas de alpaca. A nossa crise radica nos que fingom que trabalham. Dela só saíremos, quando houver menos secretárias de papéis e mais enxadas que cavem a terra, mais tractores que lavrem, mais mãos que a semeiem, mais searas que nos dêem o pão para a boca, mais árvores que nos deliciem com saborosos frutos, mais oliveiras que aos lagares forneçam o azeite para a panela, mais laboratórios e menos oratórios.

²⁵ António Sérgio, nas *Cartas do Terceiro Homem*, Lisboa, 1954, 2.^a série, classifica Herculano de «espécie de agricultor de mentalidade humanista».

Poderia repetir o dito de Terêncio: «Homem sou e nada do que é humano me é indiferente». Os direitos da pessoa humana foram sempre para Herculano, mais que um tema, uma ... teima.

mente em Belém, em que, depois de ter falado, longamente e com ironia sorridente, de criados, de vizinhos e dos preparos para a apanha da azeitona, assim termina: «Poderias tu dispor de alguns cobres para me comprares aí um gabão novo de picotilho ou de outro pano grosso? O meu está tão velho e roto, que é uma lástima»²⁶.

Compare-se este pedido do gabão com a elegância de um Garrett de «guarda-roupa riquíssimo, aberto, ao deitar, com todos os seus cabides e o perfume do sândalo e das boas fazendas que lá estão» (Vitorino Nemésio, *Ondas Médias*, p. 241).

Antinarcisismo de fundo, em Herculano. Narcisismo, em todas as dimensões, as exteriores e as interiores, em Garrett.

20. Casamento de Herculano

A vida literária absorveu Herculano, antes de se recolher a Vale de Lobos, enfadado da cidade e das vaidades do mundo. Fernando Pessoa não casou com Ofélia, para, de todo, se entregar à sua obra literária²⁷. E Herculano adiou, até ao ano de 1867, o seu casamento com a namorada dos seus vinte e seis anos, por força, também, da sua actividade de escritor. Vale a pena transcrever, aqui e agora, a carta que

²⁶ Academia Real das Ciências, *Centenário de Alexandre Herculano*. Discurso escrito para a sessão solene de 28 de Março de 1910, por Teixeira de Queiroz, Lisboa, 1910, p. 19.

²⁷ Ofélia, a sua namorada, informa, em carta sua (*Cartas de Amor*, Lisboa, 1979, p. 39):

«... Sempre nervoso, vivia obcecado com a sua obra. Muitas vezes me dizia que tinha medo de não me fazer feliz, devido ao tempo que tinha de dedicar a essa obra».

Poderia Pessoa dizer como Marcel Proust — o da *Recherche du temps perdu*: «Je ne peut atteindre ma maturité ni mourir sans m'inquiéter de savoir qui s'occupera de mes papiers».

Os papéis que lhe iam enchendo a famosa arca...

Pessoa era como se tivesse presente o dito de Charles Dufresney: «Un génie marié est un génie stérile; il faut opter de laisser à la postérité ou des ouvrages d'esprit ou des enfants».

ele escreveu ao seu amigo Joaquim Filipe de Soure, a 24 de Maio de 1867. É escrita de Vale de Lobos:

«Amigo:

Estive em Lisboa poucos dias e disseram-me aí que o amigo fora para Évora. Escrevo pois para Évora, a Deus e à ventura.

Quisera ter-lhe falado para lhe dizer uma resolução que tomei e que tomei fria e reflectidamente, porque era ao mesmo tempo um preceito da minha consciência, e uma necessidade para este modo de viver que adoptei para os anos, não serão muitos, que me restam de vida.

Tenho parentes e sou só. Os parentes tratam de si. Não tenho uma irmã, uma sobrinha, uma mulher que olhe por mim e pela casa, casa que, apesar de pequena, tem que governar. Sabe, porque tem sido lavrador. A criada de campo que tenho é incapaz de me olhar por uma camisa ou por umas meias. A antiga criada de minha mãe, que em Belém me tratava dessas coisas, não pode deixar o marido com 84 anos, para me seguir para aqui. Na doença não tinha quem tratasse de mim; e eu perdi a esperança de deixar de ser valetudinário. Amancebar-me aos 57 anos publicamente era ridículo e mau, e o resultado pouco seguro.

Resolvi casar. Tive aos 26 anos uma destas paixões que todos temos naquela idade, mas havia em mim outra mais poderosa, a das ambições literárias. Os meus amores foram com a irmã do Meira, D. Mariana Hermínia²⁸. A paixão literária venceu a outra. Tive coragem de lhe sacrificar esta. Com a minha modesta fortuna, não podia fazer filhos e livros, ao mesmo tempo. Era necessário ser uma espécie de frade, menos o convento. Falei pois com franqueza à minha actual mulher, que era então uma cabeça algum tanto romanesca.

²⁸ Mariana, a quem ele, na intimidade da sua correspondência com os amigos, viria a chamar a sua *patroa*, a sua *lavradora*. Em carta ao Duque de Palmela, escrevia: «A minha lavradora quer num terraço contíguo à casa de jantar alguns vasos de fúcsias, e de gerânios, e espoliou-me um pedacinho de terra junto a um tanque para mandar fazer um jardimzinho».

As mulheres são capazes de actos de abnegação que seriam para nós impossíveis. Já havia rejeitado, por minha causa, um casamento vantajoso que a família lhe arranjava com um primo, mas à vista das minhas declarações, foi mais longe: aceitou uma posição ambígua, sujeita a comentários e calúnias, sem soltar um queixume, sem a menor quebra durante trinta anos de uma dedicação e amizade quase ilimitadas. Confesso-lhe que neste ponto, eu, que me parece estar curado de todas as vaidades, ainda tenho vaidade nisto.

Aqui tem, o meu amigo, os elementos materiais e morais para avaliar o acto que pratiquei. Conheço-o bastante para saber que o há-de aprovar.

*Estas explicações são apenas para meia-dúzia de amigos íntimos. Para o resto do mundo a explicação é mais curta: casei porque tive vontade disso*²⁹.

As coisas rústicas por aqui não vão bem. Os trigos são de medianos, vinho há pouco, e azeite pode dizer-se que nenhum.

.....

Amigo

*Herculano»*³⁰.

Herculano, acabamos de o ver, dava a sua actividade literária incompatível com a mulher de sua conta.

²⁹ Herculano, que desempenhou papel importante na redacção do Código Civil (1860-1865) propôs a introdução do casamento civil ao lado do casamento religioso. Apesar disso, casou religiosamente, na Sé de Lisboa.

Disse bem o padre João Mendes: «Ao fim de 30 anos de fidelidade platónica, os dois quase sexagenários apoiam mutuamente as existências, num amor que já é mais do que entusiasmo lírico» (*Homens e Problemas*, I, Lisboa, 1983, p. 234).

³⁰ *Cartas Inéditas de Alexandre Herculano a Joaquim Filipe Soure*, publicadas e comentadas por Luís da Silveira, Lisboa, 1946, pp. 109-111.

21. Também Miguel Ângelo ...

Também Miguel Ângelo não tomou mulher. Se o tem feito, quem nos garante que ele esculpisse a *Noite*, *Pietá* e *Moisés*? Ainda bem que a Arte foi para ele ídolo e monarca. Ainda bem que casou, a tempo inteiro, com a escultura. Amores calandrados e taliscas saídas do bruto mármore não lhe caberiam no mesmo saco.

Foi o celibato perpétuo que lhe garantiu bilhete de ida e volta para a posteridade. Se tem casado, presumimos que fizesse filhos de carne e osso. Mantendo-se solteirão, consorciado com a Escultura, deu-nos filhos sobre os quais não pesa a lei da Morte. Construiu a Beleza a tal que, no dizer do poeta inglês, é uma alegria para sempre: *a joy for ever!*³¹.

Aliás, Miguel Ângelo não se consorciou apenas com a Escultura. Também o fez com a Pintura (lembrar o *Juízo Final* da Sixtina) e a Architectura e a Poeisa. À imagem e semelhança do seu contemporâneo Leonardo também ele foi *uomo universale*. Os homens do Renascimento tiveram sempre a fobia da estrita especialização, aquela que realiza a proeza de escrever dezassete volumes sobre a expressão fisiológica dos lagartos ...

22. Assediado pela correspondência relativa a temas literários

Mesmo recolhido a Vale de Lobos, depois de ter declarado solenemente, que abandonava o mundo das letras, Herculano foi permanentemente assediado por correspondência

³¹ Um padre seu amigo lhe teria dito: pena que não tivesseis tomado mulher, pois teríeis tido muitos filhos, que seriam os herdeiros das vossas honrosas fadigas. Resposta de Miguel Ângelo: «mulher tenho eu demais, que é esta arte, que sempre me tem atribulado, e os meus filhos serão a obra que eu deixarei; que, se não derem rendas, viverão ao menos um pedaço».

relativa a temas literários. Ele quem o diz, em carta a D. Guiomar Torresão, escrita em Maio de 1875:

*«Em tempo e por mais de uma vez declarei que a minha carreira literária tinha cessado. Não ofendi nisto o direito de ninguém, e creio que usei do meu. Todavia, de alguém e além-mar, quase todos os dias me caem em casa livros, jornais, perguntas de mais ou menos difícil solução e, de vez em quando, algum manuscrito para apontar defeitos e propor emendas, como se fosse a coisa mais fácil deste mundo»*³². E noutro passo da carta: *«Para satisfazer a isto bastava ter trinta anos, nada que fazer e paciência de mártir. Aos 65, doente, obrigado a pensar na vida positiva, para ter os modestos cómodos que a velhice exige, sou tudo quanto há mau; porque não me sacrifico à vaidade ou interesse literário olheio; eu que solenemente me despedi da república das letras»*.

23. Fala das suas doenças

Herculano tinha-se por velho precoce: «Uns envelhecem tarde, outros cedo. Eu fui dos temporões: velho de corpo, mas ainda mais de espírito»³³.

A alusão às suas doenças é frequente. De Vale de Lobos, a 13 de Agosto de 1868, diz ao seu amigo Joaquim Filipe de Soure: *«Tenho quase sempre andado incomodado dos rins que deram, depois de velhos, em colectores de areias. É incómodo que traz a gente aborrido e sem vontade de fazer nada»*.

Noutra carta, ao mesmo, a 17 de Maio de 1869:

«Há dois para três meses que ando entretido a abrir e a tapar a pele do pulso, divertimento que me tem metido no espírito uma razoável dose de aborrecimento e mau humor. Quando me escreveu, avisando-me da sua vinda a Lisboa, ia eu no começo do segundo fleimão dos quatro que mais

³² Cartas, tomo II, 4.^a ed., p. 164.

³³ Cartas Inéditas de Alexandre Herculano a Joaquim Filipe Soure, publicadas e comentadas por Luís da Silveira, Lisboa, 1946, p. 160.

ou menos intensos, me lavraram, de polegada em polegada, o pulso esquerdo. O último cessou de purgar há oito dias. Não sei se virá quinto. Não só era impossível vestir fato para ir a Lisboa, mas também segurar as rédeas da égua até à estação. Tive muitos dias em que nem sequer podia segurar o papel para escrever, com a inchação e dores na mão e no braço»³⁴.

24. Morreu de uma pleurisia

Herculano morreu vítima da pneumonia, contraída na altura em que se deslocou a Lisboa (começo de Setembro de 1877) para evitar que o Imperador do Brasil o visitasse em Vale de Lobos, em sua casa, onde tinha duas pessoas doentes, ele próprio doente de peito, sofrendo, então, de «uma tosse violenta».

De facto, veio de Vale de Lobos a Lisboa (1 de Setembro de 1877), para abraçar o soberano. Abraçaram-se, de facto, no Hotel Bragança, e foi na estação de Santa Justa que apanhou a pneumonia, de que viria a morrer, duas semanas depois»³⁵.

Foi em Vale de Lobos que Herculano morreu. Morreu como quem era: um homem simples³⁶. Não imitou, nem plagiou ninguém. A não ser que se dissesse que, assim como Goethe pediu *mais luz* à hora de se passar para o «outro lado», ele, Herculano, o estava imitando, pedindo que lhe

³⁴ Sobre o que foi a vida de Herculano em Vale de Lobos, vivamente recomendamos ao leitor o livro de Cândido Beirante, *Herculano em Vale de Lobos*, edição da Junta Distrital, Santarém, 1977. Documentação exaustiva. Depoimentos de quantos conheceram Herculano em pessoa e de quantos se pronunciaram sobre a sua Obra literária. Profusamente ilustrado. Bibliografia completa. Excelente o *Quadro sinóptico da época de Herculano*.

³⁵ Cfr. Pedro Calmon, *Alexandre Herculano e o Brasil*, separata da *Historiografia Portuguesa de Herculano a 1950*, Lisboa, 1978, pp. 27-28.

Nessa mesma separata, conta Pedro Calmon o primeiro encontro do Imperador com Herculano, em Vale de Lobos (1871). Tire o leitor de seus cuidados e leia Pedro Calmon, que não perde o seu tempo.

³⁶ A reportagem minuciosa do triste acontecimento a pode o leitor encontrar em Bulhão Pato, *Memórias*, t. II.

abrissem as janelas. Talvez para se despedir das suas oliveiras — as tais que, com ele, aprenderam a dar azeitona ...»³⁷.

Quando se viveu uma vida em plenitude, a morte não é derrota: é vitória. O caixão, que leva o morto à sepultura, é o seu carro triunfal. Cumpriu, partiu. Fechou o seu soneto com chave de ouro.

Só a 27 de Junho de 1888 as cinzas de Herculano foram transferidas, da igreja de Azóia, para os Jerónimos. Na manhã de 28, houve cerimónia religiosa, e então se ouviu o verbo clangoroso do cónego Alves Mendes, evocando a memória do grande Homem.

Cruz Malpique

³⁷ Se alguma vez pensou em epitáfio para a sua campa, assim o teria redigido: «*Aqui dorme um homem que conquistou, para a grande mestra do futuro, para a História, algumas importantes verdades*».